

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

KARINE CARVALHO DE SÁ DE ALMEIDA BORGES

CONSTITUIÇÃO DE UM PAI SEGUNDO A
PSICANÁLISE

PATOS DE MINAS
2014

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

KARINE CARVALHO DE SÁ DE ALMEIDA BORGES

**CONSTITUIÇÃO DE UM PAI SEGUNDO A
PSICANÁLISE**

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia. Para finalidade de obtenção do título de Bacharel em Psicologia, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientadora: Profa. Ma. Luciana de Araújo Mendes Silva

PATOS DE MINAS
2014

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

KARINE CARVALHO DE SÁ DE ALMEIDA BORGES

CONSTITUIÇÃO DE UM PAI SEGUNDO A PSICANÁLISE

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 15 de
Setembro de 2014.

Orientadora: Profa. Luciana de Araújo Mendes Silva
Faculdade Patos de Minas

Examinador 1: Prof. Me. Gilmar Antoniassi Júnior
Faculdade Patos de Minas

Examinadora 2: Gema Galgani da Fonseca
Faculdade Patos de Minas

DEDICO este trabalho a mim mesma pelo desafio que encarei e venci, ao meu esposo e aos meus pais que são meu exemplo de vida e pela formação de meu caráter. Mas principalmente por serem meus incentivadores à vida acadêmica e por me amarem, sempre estando ao meu lado. Aos estudantes de psicologia que terão acesso ao trabalho para que possam aproveitar seu conteúdo.

AGRADECIMENTO

Primeiramente a Deus que me deu o Dom da vida e estando presente em todos os momentos desse curso me dando saúde e condições de chegar até o fim.

Ao meu esposo Alex Ferreira Borges e minha família, meu pai José Carlos Azevedo de Almeida, minha mãe Erenita Carvalho de Sá de Almeida e irmã Késia Carvalho de Sá de Almeida, por sempre me incentivarem e apoiarem no que era preciso.

A orientadora Raquel Gonçalves de Fonseca, e a professora de TCC Luciana Araújo Mendes Silva, que me deram as ferramentas certas para realização do artigo.

Aquilo que herdaste de teus pais conquista-o para fazê-lo teu.
Goethe Faust

CONSTITUIÇÃO DE UM PAI SEGUNDO A PSICANÁLISE

CONSTITUTION OF A FATHER BY PSYCHOANALYSIS

Karine Carvalho de Sá de Almeida Borges¹

Graduando do curso de Psicologia. Faculdade Patos de Minas.

Luciana de Araújo Mendes Silva²

Psicanalista e docente do curso de Psicologia. Faculdade Patos de Minas.

RESUMO

Foi realizado um estudo por meio de uma pesquisa bibliográfica onde se verificou o lugar do pai na estruturação do psiquismo da criança, passando por Totem e Tabu para mostrar a instauração do primeiro pai e pelo complexo de Édipo para explicar a importância de sua relação no processo de castração instituindo-se assim o Nome do Pai significativo que vai situar o sujeito no campo da linguagem e na sociedade.

O presente artigo visa identificar como se dá a constituição do pai segundo a psicanálise. Conclui-se que o estudo irá verificar os impasses no exercício da paternidade e sua inter-relação com o papel da função paterna na constituição da subjetividade dos filhos e da sociedade. O objetivo do trabalho foi de verificar o que é a constituição de um pai sob o olhar da psicanálise.

Palavras-chave: Nome-do-Pai. Função. Autoridade.

ABSTRACT

ON NAME, Name. Job title. year. 10f. Reference of the article or monograph. Bachelor of Psychology - Faculty Patos de Minas, Patos de Minas / MG.

BORGES KARINE, Karine. CONSTITUTION OF A FATHER BY Psychoanalysis and deadlocks. 2014. 10f. Reference of the article. Bachelor of Psychology - Faculty Patos de Minas, Patos de Minas MG. The theme of this work is: Build a father according Psychoanalysis and deadlocks in the exercise of its function in contemporary society. The study aims to address how bankrupt the image of the father returns on subjectivity? What forms of malaise in contemporary times and how to articulate the problems of the Father? Check Deadlocks the exercise of fatherhood in contemporary society and its interrelationship with the role of the paternal role in the constitution of subjectivity of children and society. Starting a study of the place of the father in structuring the child's psyche, past Totem Tabu to show the establishment of the first parent and the Oedipus complex was performed to explain the importance of their relationship in the castration process thus instituting the name significant parent who will place the subject in the field of language and society.

A systematic review was performed. Therefore, that with the decline of paternal authority the father ceased to be the authority figure, it is concluded the company has sought other ways to orient in the world, pluralizing the names of the Father causing changes in family structures and increased violence.

Keywords: "Father" "Function" "Decline" "authority"

Keywords:

Orientando Karine Carvalho de Sá de Almeida Borges¹

Professora Orientadora Raquel Gonçalves da Fonseca Docente do DPGPSI/FPM

¹Orientando Karine Carvalho de Sá de Almeida Borges

Professora Orientadora Luciana de Araújo Mendes Silva Docente do DPGPSI/FPM

INTRODUÇÃO

A figura do pai na psicanálise é caracterizada como fenômeno estrutural do psiquismo. Quando a criança nasce se sente um prolongamento da mãe sendo colocada numa posição de assujeitamento num lugar de objeto do falo e a criança pensa: O que quer a mãe de mim? O pai precisa entrar nessa relação como representante da lei para interditar o desejo da mãe substituindo pela função do pai, a criança passa a idealizar a figura do pai se identificando com ela saindo da posição de assujeitamento ao desejo e a demanda da mãe, deixando de ser o falo para ter o falo sendo denominada de metáfora paterna. (1)

Quando há uma substituição do desejo da mãe pelo Nome-do-Pai, o pai mostra que a mãe não é toda passando a ser o mais importante e se tornando o ideal do Eu. (2) O papel da metáfora paterna é, portanto, substituir o desejo da mãe pelo Nome-do-Pai permitindo o acesso aos discursos, mediante uma perda do gozo. (3) Nome-do-Pai é o termo criado por Lacan para identificar o pai como aquele que institui a lei através da linguagem, é o significante que deve estar presente para sustentar a autenticidade da fala e dizer que há alguma coisa que autoriza o texto da lei. O pai é um significante que substitui o significante da mãe, interditando a mãe da criança proibindo o incesto, é, portanto, o Nome-do-Pai que dá acesso ao ser falante ao universo do discurso e a instauração do laço social. (2)

O Nome-do-Pai é que irá introduzir o sujeito no campo da linguagem, do desejo e da sexualidade inserindo na cultura e na sociedade. É através do discurso da mãe na linguagem que determinará o desencadeamento da operação da função simbólica do pai. A mãe precisa dar testemunho de sua falta, ou seja, reconhecer sua castração para que a criança reconheça a autoridade do pai como significante de valor tornando-se o grande Outro fazendo com que o sujeito se oriente na vida regulando seu desejo. Mas há sempre um resto do gozo que escapa às palavras onde não se pode nomear e que sempre retornará para o sujeito o angustiando. (1)

A lei paterna interdita o sujeito da impossibilidade da satisfação

plena transformando o desejo sempre em uma falta. É preciso que o sujeito reconheça a função do pai real que é aquele que a mulher, mãe da criança deseja, aquele homem que a confronta com o sexo, o pai imaginário que é paciente e presente e o pai simbólico que é aquele que introduz a criança a uma filiação que lhe concede um nome não sendo apenas uma referência para os filhos e sim uma ordem social. (3)

Freud utiliza Totem e Tabu para explicar que antes só o pai tinha acesso ao gozo, os filhos matam o pai simbolicamente para que eles também possam ter uma parcela desse gozo, para fazer com que a lei e a proibição sejam fundadas no pai é, portanto preciso haver o assassinato desse pai. O pai morto é o Nome-do-Pai (4). É através do complexo de castração interditando o incesto e com o assassinato do pai, que o indivíduo se constituirá e se abrirá para a cultura.

Na contemporaneidade tem se introduzido outra coisa no lugar da função paterna que Lacan nomeará como os nomes do pai, algo que funcione como regulador sendo necessária a presença real de alguém que articule com esse significante como, por exemplo, o trabalho da mãe. (5)

Quando se fala da função pai não se trata do pai encarnado ou da paternidade biológica, e sim do desejo pelo filho da função que exerce levando em conta os fatores conscientes e inconscientes podendo ser desempenhada por qualquer outra pessoa, até mesmo um estranho que não precisa ser de carne e osso para se impor como autoridade podendo ser como os tios e avós, não se fazendo necessário a sua presença para inscrever a lei. (4)

Por trás do declínio do viril no mundo, há, antes de tudo, a ausência do pai que seria a desvalorização do poder do homem. Com a modernidade, a forma tradicional de autoridade entrou em crise. (5) O pai tem perdido seu lugar simbólico na sociedade, a queda do Nome-do-Pai é uma vacilação na identificação deixando o sujeito sem saber se orientar no campo do gozo surgindo novos sintomas na sociedade. Muitos em busca de preencher essa falta acabam procurando uma saída no discurso da ciência como no uso de antidepressivos e na religião. (4)

A clínica tem se sustentando na função de um pai que cerca com seu desejo a mulher, mãe de seu filho e fazendo dessa mulher causa de seu

desejo o filho constata que o gozo não é normalizado pelo ideal havendo vários modos de se colocar no mundo. Diante da figura do pai humilhado as pessoas têm buscado novas referências e formas de gozar para preencher sua falta. (6)

Qual o papel do pai na constituição da subjetividade dos filhos?

De que modo a falência da imagem do pai retorna sobre a subjetividade?

Acredita-se a que a função paterna é estruturante à subjetividade do indivíduo. (5)

O interesse pela pesquisa sobre a constituição de um pai surgiu a partir da percepção na necessidade da função paterna ser operada e da existência de novos elementos que interceptam a função paterna que a sociedade tem buscado para se reorganizarem enquanto sujeitos. Quando o pai deixa de ser o único regulador do gozo, aquele que dava sustentação na constituição da subjetividade do sujeito, deixando de cumprir com seu papel de Legislador. (6)

O objetivo do trabalho foi de verificar o que é a constituição de um pai sob o olhar da psicanálise.

METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão de literatura com base em resumos anexados nas bases Lilacs, PEPsic, Medline, PsycInfo, Scielo. Para tal foram utilizadas as seguintes palavras-chave: “Pai” “Função” “Declínio” “autoridade”. Depois de encontrados os artigos foram priorizados trabalhos publicados no período de 1998 a 2013. Foram utilizados os clássicos: Seminários de Lacan 4 1901- 1981, Seminários de Lacan 5 1901-1981, Seminário Nomes do pai 1901-1981, e as Obras de Freud, Totem e Tabu 1913-1914.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

TOTEM E TABU

A obra Totem e Tabu marca a transição entre a era dos homens primitivos e a era dos heróis e deuses. Utiliza-se da tribo dos aborígenes na Austrália que eram divididas em clãs. Relata-se a presença de um pai figura de autoridade tirânica que detinha o poder e que só ele teria direito de gozar com todas as mulheres do clã, sendo proibido por qualquer outro homem da tribo sendo expulsos quando cresciam. Até o dia em que os filhos se revoltam e mata o pai devorando sua carne colocando fim a horda primitiva trazendo um imenso sentimento de culpa pelo assassinato desse pai em que os homens acreditam ser realmente descendentes desse totem e que todos os membros do clã são irmãos, de maneira que estão obrigados a ajudar-se e a proteger-se mutuamente. (6,7)

O que é um pai? É aquele cujos filhos provocam a morte, ou, o que é a mesma coisa, o assassinato do pai é o que funda o pai. O desejo é o desejo do Outro, ou seja, que o sujeito sustenta e enuncia seu próprio desejo em uma encenação na qual é o Outro que carrega esta enunciação. O pai como elemento traumático e causa do desejo. (8)

Quando Lacan observa que a fantasia de que o castrador é o pai da horda não aparece em nenhuma das formas do mito as quais Freud se dedicou, é para indicar que a castração como enunciado de uma proibição só poderia se fundar em um segundo tempo. (9)

Se o mito do assassinato do pai é impossível, isto é devido ao fato de que supõe um gozo primeiro atribuído ao pai primordial que goza de todas as mulheres. Eliminando o pai, morto, a única coisa que sobra do mito freudiano é a função que ele ocupa função que não é senão a de recobrir a castração. (7)

A sucessão do pai ao filho procede da castração do filho, o assassinato do pai mascara a castração do filho. Esta não é um mito, mas uma operação real, efeito

da linguagem e neste sentido não tem nada com o pai. Esse sentimento de culpa torna esse pai mais forte, uma vez que o elevam a um posicionamento de santidade.

Na tentativa de anularem o ato de terem matado o pai, proíbem a morte do totem e instauram o pai como uma figura simbólica, que pode ser tomada como a raiz da organização social. (9)

É importante destacar que a união dos irmãos para o assassinato do pai e a instauração de uma nova ordem social constituiu uma grande influência no desenvolvimento da sociedade, como na santificação dos laços de sangue, na solidariedade no clã, nas formas de organização que garantiam a vida um do outro e que evitavam a possibilidade de repetição. O pai passa a ter uma representação simbólica, e a partir disso, institui-se a ordem do não matarás, bem como a culpa e o remorso a ele ligado. (8)

Nesse sentido, para pensar o pai em psicanálise, com base nessas ideias, é necessário considerarmos que essa noção parte da existência desse pai primitivo que foi necessário assassinar, para a instauração de uma ordem simbólica. A ambivalência com relação ao pai primitivo, que levou os irmãos a o assassinarem, e o arrependimento e a culpa decorrentes desse ato é que propiciaram a obediência ao interdito da proibição do incesto e que nos possibilita pensar na edificação desse pai simbólico, fundamento da função paterna. (7)

O Complexo de Édipo foi um conceito criado por Sigmund Freud, o fundador da psicanálise que teve como base a mitologia grega. É uma estrutura, uma organização central e alicerçada da personalidade humana, uma neurose infantil, modelo das neuroses adultas, fazendo analogia a antiga lenda de Sófocles.

É a partir daí que começa seus trabalhos sobre a sexualidade infantil, desenvolvimento psíquico e os conflitos que farão parte da vida de qualquer sujeito. (9)

O Complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos. Essa eclosão consiste em manifestações afetivas, objetivas e desempenha um papel fundamental na orientação do desejo humano, módulo nuclear estruturante do psiquismo, identidade da criança. (10)

O pai edipiano é da ordem do discurso, um significante de valor que, quando é mediado pela palavra da mãe torna-se o grande Outro garantindo o sentido orientando o sujeito. (11)

Freud se apropria do mito de Édipo para formular sua ideia existente na relação da tríade pai-mãe-criança em que nada é passível de escapar, um desejo incestuoso da criança pela mãe e a interferência odiada do pai nessa relação, que constituirá o âmago essencial do conflito humano. (9)

O tema foi trabalhado por Freud e depois por seus seguidores em todo mundo tornando-se a principal ideia da psicanálise relatando que esse conflito envolve três personagens, pessoas concretas que podem assumir diversos papéis. (11)

A mãe, a mulher poderá assumir papel funcional de outra pessoa, no caso o pai. A presença do filho poderá lembrar seus próprios conflitos edipianos vivendo esse filho como o pai ou com o aspecto da mãe. (9)

Para o menino o complexo positivo seria dirigido à mãe, ou seja, o amor pela mãe, o negativo o ódio do pai. O complexo pode se inverter de um amor do menino pelo pai, tornando-se agressivo com a mãe. (12)

Na menina o amor é dirigido ao pai e a agressividade a mãe. As relações do filho com sua mãe são para ele uma fonte contínua de excitação e satisfação sexual, a qual se intensifica, quanto mais ela lhe der provas de sentimentos que derivem de sua própria vida sexual, beijá-lo, niná-lo, considera-lo substituto de um objeto sexual completo. (10)

A criança em sua fantasia deseja obter prazer mas se sente ameaçada com perigo de ver seu corpo desgovernar-se sob o ardor de seus impulsos; o perigo de ver sua cabeça explodir em virtude de não conseguir controlar mentalmente seu desejo; e, finalmente, o perigo de ser punida pela Lei do interdito do incesto, por ter tomado os pais como parceiros sexuais.(9)

A criança se sente excitada pelo desejo feliz com suas fantasias, mas angustiada e desamparada sem saber como lidar com todas essas sensações. (8)

Então como se sente dividida não tem outra saída senão esquecer e apagar tudo, dirigindo-se para outros objetos amorosos, desenvolvendo uma série de sentimentos, de culpa, moral e sua própria identidade. (10)

O complexo de Édipo não é algo que se supera e que não se volta mais. Na puberdade o abalo edipiano volta, com seu novo corpo se transformando. O adolescente tem que se haver com tudo isso e com o social. Na fase adulta por um

conflito afetivo sofrimentos neuróticos podem vir como fobia, histeria ou obsessão. (9)

Porém, o Édipo não é apenas uma crise sexual de crescimento, é também a fantasia que essa crise molda no inconsciente infantil. Com efeito, a experiência vivida do terremoto edipiano fica registrada no inconsciente da criança e perdura até o fim da vida como uma fantasia que definirá a identidade sexual do sujeito e determinará diversos traços de sua personalidade e fixará sua aptidão a gerir os conflitos afetivos. (9)

É justamente esse modelo edipiano que nos faz refletir nos adultos que somos hoje. A ação efetiva é transmitida através da troca de símbolos que se constitui em linguagem, que se transmite a lei: a proibição do incesto. A íntima relação erótica com a mãe proporciona gozo causando a queda funcional da figura paterna. A proibição do incesto é social. (10)

COMPLEXO DE CASTRAÇÃO

O complexo de castração é um dos principais conceitos da psicanálise criado por Freud para apresentar a experiência do desenvolvimento psicosssexual infantil do menino e da menina. Através do trabalho realizado no caso de fobia de um menino de cinco anos que ficou conhecido como o do pequeno Hans, Freud vai descobrir e falar pela primeira vez em complexo de castração em: “As teorias sexuais das crianças” em 1908. (11)

A castração tratada não significa a mutilação dos órgãos sexuais, mas sim da experiência psíquica completa para formação da identidade sexual futura do indivíduo, em que a criança percebe as diferenças anatômicas entre os sexos trazendo angústia e fazendo a aceitar que o mundo é composto por homens e mulheres e conhecendo os limites de seu corpo, no caso do menino que não poderá concretizar seus desejos sexuais com sua mãe. (12)

O complexo de castração não pode ser medido por um tempo cronológico, mas se trata de uma experiência inconsciente que vai sendo renovada ao longo da vida, podendo vir à tona na vida adulta. O primeiro aspecto em ambos

os sexos se refere à universalidade do pênis, e a importância do papel da mãe até o momento em que o menino se separa dela com angústia e a menina com ódio. A mãe continua sendo o personagem principal até o momento em que é descoberta como castrada por ambos os sexos. (13)

O pai imaginário é quem exerce a função paterna da primeira etapa do Édipo, levando a criança à identificação produzindo a linguagem. Trata-se do início da fase fálica. O pai imaginário refere à posição de sujeito absoluto, ou seja, o sujeito que tem o atributo fálico propiciador da possibilidade de ter tudo o que se deseja. (14) Na visão lacaniana, trata-se do pai onipotente, com o qual a criança (de ambos os sexos) compete para apropriar-se do primeiro objeto de desejo mãe, visando manter a completude. (15)

O Pai simbólico tem função paterna tal como desempenhada na segunda etapa do Édipo propiciando a identificação que produz a aquisição do não dirigido para o próprio desejo. A sua consequência é a aceitação do significado, o recalque do desejo de completude, ou seja, do desejo de não desejar. (13)

O Pai Real Não é o pai de carne e osso nem figura masculina com quem efetivamente a criança convive. A expressão Pai Real denotaria antes a singularidade do processo mediante o qual se dá a passagem da posição de objeto para a posição de sujeito. Real, na conceituação lacaniana, designa a impossibilidade de sair da esfera do desejo (ou seja, da linguagem). 'Pai Real' designaria como se deu, no caso de um sujeito particular, a separação, ou seja, a encruzilhada marcada pela saída (ou não) da posição de objeto. (14)

A Metáfora Paterna foi utilizada por Lacan para conceituar a função do pai no complexo de Édipo de como ele se torna o portador da lei através da escrita significante da metáfora. (15)

É a partir da relação existente entre a mãe e o pai que a criança poderá experimentar os primeiros contatos com o meio social. Lacan denuncia a relação de objeto que a criança mantém com a mãe, fazendo aparecer um terceiro imaginário que é o falo órgão ereto central na economia libidinal. (16)

Existe uma relação com a criança e a mãe em que é preciso a presença simbólica do pai como significante para ocupar o lugar da mãe. Um pai só é real na medida em que ele exerce a função paterna não se tratando de uma questão sociológica. (17)

A criança revela depender exclusivamente do desejo da mãe e nada mais, pois estará fazendo a sua primeira simbolização. A criança fica desprovida de qualquer outra coisa que não seja o desejo desse Outro que pode estar presente ou ausente. (15)

A mãe vale para a criança na medida em que supre suas necessidades, mas ela não a satisfaz sempre, onde começam aparecer discordâncias, momentos de carências, mostrando para a criança que a mãe é aquela que dá ou não no bom momento, quando a mãe não dá, ela frustra a criança. A criança vai simbolizar a mãe como potência fazendo dela uma mãe simbólica. (16)

Trata-se do falo como desejado pela mãe, não existe alternativa a não ser se colocar no lugar de objeto do desejo da mãe. A partir do momento que a criança assume ser desejo da mãe ela passa pelo processo de assujeitamento. A relação do filho com o falo se estabelece na medida em que o falo é objeto do desejo da mãe.

A criança pode então captar que a mãe deseja outra coisa além dela e só tem acesso através do pai que tem a potência. (14) O pai interdita a mãe à criança como objeto de suas aspirações sexuais se manifestando como Outro colocando a criança para questionar sua posição de assujeito deixando de ser apenas o desejo da mãe. O pai entra em cena como aquele que tem, é aquele que priva o proibidor da mãe do objeto de seu desejo o objeto fálico desempenhando um papel essencial em qualquer estrutura do sujeito. Ele aparece mediando o discurso da mãe. (14)

A função do pai é proibir o incesto, é o portador da lei, a criança estará assujeitada ao capricho daquele de quem depende. É na medida em que a criança deixa de ser o objeto da mãe que passa a se identificar com o pai. O fundamental é que a mãe funde o pai como mediador daquilo que está para além da lei trata-se, portanto do Nome-do-Pai. O sujeito rompe com o campo materno e insere-se na dimensão fálica o significante do Nome-do-Pai reúne a instância do desejo através da linguagem, instaurando uma falta, e a instância da lei que diz que a mãe é interdita. (15)

Surge então a figura paterna aquele responsável pelo desenvolvimento psíquico do sujeito que ao longo dos tempos tem sofrido um declínio de sua autoridade comprometendo toda a família envolvida. (13)

O pai para a psicanálise não é uma pessoa e sim uma função, não existe um nome próprio para a função de pai porque existem tantos nomes quantos os suportes demandem da função. (14)

É através do discurso da mãe que se apresenta ou não um pai para a criança reconhecendo nele valor e potência. Por isso não basta o reconhecimento biológico da paternidade para haver pai, mas aquele que cumpre com a função de pai. (15) Não há pai sem seu reconhecimento que é introduzido através do discurso da mãe aos filhos em contrapartida é a existência dos filhos que assinala o lugar paterno. São lugares que se constituem ou anulam, sem que se apague a disparidade. A função paterna situa à lei e autoriza o gozo sexual delimitado pela linguagem. (16)

O pai exerce a função de corte da simbiose mãe-bebê para retirada da criança do assujeitamento materno e assim possibilitar a organização dos elementos que vão marcando e formando um novo sujeito. Enquanto função deve sustentar os atributos a ele conferidos pela mãe e se presentificar perante o filho para garantir a este à saída da totalidade materna. (17)

A função paterna possibilita a inserção do sujeito na cultura. Na ligação primeira com a mãe, o sujeito não se move para além daquele mundo mãe-bebê, onde o acolhimento e o vínculo instaura esta posição de um ser do outro. Um como extensão do outro. (18)

O pai reestabelece para a mãe a posição de mulher, já que o filho não completa inteiramente a falta da mãe enquanto mulher, esta, então se desprende do filho para que este possa ser um na cultura. A ruptura materna atesta a criança como um ser não completo e por não ser completo existe algo que lhe falta. Nesta falta manifesta, se funda o desejo. Só existe desejo, se existir a falta. (19)

As experiências fundamentais se estabelecem pela ruptura e pela falta, como a separação ao nascer, o momento do desmame, o afastamento materno pelo corte paterno, que possibilita ao sujeito a elaboração de sua subjetividade. (18)

Se pai é uma função, ela precisa ser operada não podendo ser mais forte ou mais fraca, o efeito da ausência da função paterna aparece na fala e nos modos como se dá o endereçamento ao Outro. (20)

A função paterna tem sofrido uma crescente desautorização, são pais que se demitem do exercício de sua função trazendo perturbações graves para a criança

que se encontrará dividida em: ou procurar na vida real alguma coisa que lhe traga limite podendo levar a morte, ou se tornará uma criança hiperativa porque estará perdida no tempo e no espaço. (17)

ESTRUTURAS CLÍNICAS

A estrutura clínica apresentada pelo sujeito se forma a partir da inscrição da lei. O final do Édipo se dá quando o Nome-do-Pai barra a relação entre o bebê e a mãe. O Nome-do-Pai pode ser qualquer negação que barre a relação mencionada, não necessariamente sendo um terceiro sujeito. A marca operada pelo pai é a inscrição da lei sobre o sujeito. (21)

Nessa passagem, são desenvolvidas as três principais estruturas clínicas: neurose (obsessiva ou histérica), psicose e perversão. O desejo humano será voltado sempre para a busca da completude. Ao longo de sua vida, esse sujeito barrado estará constantemente buscando chegar novamente a esse estado inicial de completude sendo o desejo seu a sua força. O local onde será buscada essa completude e os objetos eleitos por esse sujeito dependerá de sua estrutura. (22)

Quando a criança teve acesso, passa pela angústia de castração e rejeita, o Nome-do-Pai está enfraquecido, o perverso não se submete a lei do pai mais ao gozo que dela escapa, houve a presença do pai mais foi negada, fracassada, não reconhece a lei. O Nome-do-Pai é chamado para responder ao Outro, um puro correspondente no lugar da significação fálica não tendo mais efeito porque não foi registrado no tempo certo. (23)

Os perversos são caracterizados como os que duvidaram da inscrição do Nome-do-Pai, duvidando do quanto à lei atua sobre eles. Dessa forma, constantemente estão se pondo à prova, testando o quanto essa lei os afeta. Ao fazerem isso, transgridem as normas tidas como culturais e têm seus comportamentos marginalizados pela cultura. (24)

Já no caso dos neuróticos, o tempo todo eles dialogam com a lei. Enquanto a neurose histérica resulta de um posicionamento de vitimização perante a lei, no caso da neurose obsessiva há um constante monitoramento da inscrição da lei nos comportamentos do sujeito, visando não transgredi-la. (25)

A neurose histérica se caracteriza como uma neurose da falta, do sujeito que apresenta em si uma lacuna. Geralmente, seus sujeitos apresentam uma afetividade mais aparente e buscam a fantasia. (23)

A neurose obsessiva apresenta sujeitos marcados pela culpa e pela razão, que buscam racionalizar diversos aspectos de suas vidas. Esse tipo de neurose tende a ser mais comum entre os homens, mas pode aparecer em mulheres também. (24)

Quando a criança não teve acesso à inscrição do Nome-do-Pai tentando substituí-la com um delírio na tentativa de suturar a falta do Outro não há regulação da linguagem, o Outro não é barrado e tem o inconsciente a céu aberto acontece a forclusão sem a inscrição do Nome-do-Pai, trata-se de uma psicose. (22)

Nome-do-Pai é o conceito onde a função simbólica se torna lei, descrito por Lacan através da metáfora paterna, significante que substitui o significante da mãe localizando o sujeito no laço social através do discurso da lei na linguagem instaurando a lei. (20)

É a simbolização da lei, efetuada através da substituição do significante fálico pelo significante Nome-do-Pai. A criança substitui a posição de ser o único objeto do desejo da mãe, o falo, a dialética do ser, para a dimensão do ter. O advento do sujeito implica numa operação inaugural de linguagem, esforço simbólico, onde a criança renuncia ao objeto fálico; sendo que o significante fálico, significante do desejo da mãe, é recalcado e substituído pelo Nome-do-Pai. Como Lacan afirma [...] que não há sujeito se não houver um significante que o funde. (21)

O papel do pai é fundamental onde deve estar presente para autenticar a fala e dizer que tem alguma coisa que caracteriza o texto da lei, localizando o sujeito

Freud faz uma supervalorização da figura do pai, Lacan nos permite pensar o declínio da imago paterna no mundo contemporâneo, sem com isso desconsiderar os efeitos de sua presença. Com o declínio da autoridade paterna o Nome-do-Pai não se sustenta, mas sim a função de um pai que cerca a mulher com seu desejo que é a mãe de seu filho. Os nomes do pai no plural é um pai que se aproxima de seu filho como o que foi capaz de se responsabilizar por seu próprio gozo fazendo da mulher seu objeto de desejo dando uma orientação real ao filho mostrando que o gozo não é normalizado pelo real havendo diferentes modos do sujeito se colocar no mundo. (25)

Para Lacan o Inconsciente é estruturado enquanto linguagem. Para um significante vários significados podem se alocar através da palavra. Somente quando houver a entrada do primeiro significante que é o Nome-do-Pai é que irão aparecer outros significantes, condição necessária para a emergência do sujeito. (23)

Este significante Nome-do-Pai nada mais é do que um terceiro intruso. Ele é o significante que vai barrar o desejo da mãe pelo seu bebê e vai substituir esta falta, deixada em ambos. Nome-do-Pai tem a função de significar o conjunto do sistema significante, de autoriza-la fazendo dela a lei. (24)

O pai seria o regulador da subjetividade do sujeito enquanto identificação impedindo o desejo incestuoso, aquele que tem o que falta na mãe, seria um significante que tem um nome: é o Nome-do-Pai que se estabelece na metáfora paterna. (23)

Pai edipiano é o pai interditor do mito do Édipo, pai totem é o pai como metáfora em nome de quem a criança interpreta o desejo da mãe. (22)

Pai freudiano agente da renúncia pulsional exige a cultura, hostil, ameaçador da castração despertando ódio no filho homem, chefe que ama todos por igual, pai de amor que tem a função de proibidor e os filhos obedientes se sacrificam na satisfação pulsional. Pai que instaura a lei, os filhos se identificam dando origem à formação do supereu. O pai é ao mesmo tempo obstáculo e frustração da sexualidade e modelo de sua realização. A castração provém do pai, permanece com todo o gozo sendo o privador estando proibido ao que fala pelo pai. (22)

Pai lacaniano quando o matriarcado é substituído pelo patriarcado surge outra ordem de subjetividade em que a criança se encontra na relação com o desejo da mãe até que a operação da metáfora paterna o comove desse lugar. Não representa a lei mas unir-se o desejo com a lei. O pai real é o sujeito que foi longe na realização de seu desejo. (21)

Lacan pontua que além do pai castrador operador da lei, não determina a linguagem mas ele mesmo castrado transmite a castração ao filho permitindo sua assimilação na vida pelo efeito à linguagem. (24)

Lacan explica que é a própria linguagem que atrapalha o gozo, ou seja, ninguém nos proíbe de gozar mas à própria linguagem, que atrapalha nosso gozo. A mãe proibida é substituída pelo gozo interdito de quem fala. (23)

A psicanálise vai fazer o trabalho de encontrar no simbólico o gozo perdido achando outros caminhos para a satisfação que foi fornecida pelo desejo da mãe, mas sempre sobrar um resíduo libidinal que escapa à linguagem, posição do pai real que nomeia de forma singular o encontro com o real. (23)

Não há o nome que uniformiza do desejo e do gozo há uma pluralidade que rodeia uma função. O Nome-do-Pai se torna um dos nomes do pai. O Nome-do-Pai se torna uma função que pode ser substituída por vários elementos que tomam o papel de fazer a ligação. (25) O pai só tem direito ao respeito dos filhos se estiver voltado para uma mulher que é tomada como objeto a causa do desejo, o papel da mulher é ser objeto causa de desejo do homem e se ocupar dos outros objetos.(23)

Um nome de gozo que orienta para o real havendo vários modos de o sujeito se colocar no mundo. O declínio do Pai provocou uma vacilação na identificação do sujeito, visto que as formas de regulação não são mais eficazes e o sujeito fica sem orientação no campo do gozo, surgindo os novos sintomas. (24)

O filho herda esse sintoma do pai que não responde mais, deixando de se lamentar pela falta dando sentido ao gozo podendo seguir seu caminho. Pai morto do simbólico perde a força para aquele que vivo dá nome ao seu desejo sem a pretensão de ser pai de todos. (25)

CONCLUSÃO

A psicanálise vai responder que ser pai não se trata de uma questão biológica, onde a reprodução não bastaria para engrenar a paternidade.

A função que a figura paterna pode designar não está centrada puramente numa questão genética e de reprodução, onde não basta ser o genitor para ser um pai porque não se trata de uma pessoa de carne e osso mas sim de uma função que precisa ser operada.

Ultrapassando o biológico se torna possível localizar um sujeito que foi substituído para uma representação simbólica, orientando a criança no campo da linguagem.

A função paterna só pode ser exercida quando se estabelece um vínculo entre o pai e a lei onde a transmissão simbólica se torna possível.

Freud utiliza a lenda do Édipo para falar da estruturação do psiquismo do sujeito, onde o amor da criança é dirigido a mãe e a importância do pai entrar nessa relação para interditar o incesto, ou seja, tirando a criança da posição de assujeitamento ao desejo da mãe, ela deixa de ser o falo para ter o falo: a criança passa a se identificar com o pai onde a lei e a cultura são introjetadas. Esse processo só será possível quando a mãe reconhecer sua castração e apresentar o pai para a criança através de seu discurso materno.

Quando a criança começa a descobrir o mundo exterior, descobre que o pai não é o mais perfeito e poderoso dos seres deixando de ser seu ideal de Eu, ficando insatisfeito passando a criticá-lo lhe causando um desapontamento o desligamento desse pai.

Utiliza totem e tabu para mostrar que foi preciso assassinar esse pai simbolicamente, figura tirânica e de poder para que eles também tivessem direito ao gozo. A morte do pai não liberou uma satisfação pulsional porque foram tomados por um sentimento de culpa por terem matado o pai e o elevam a uma posição de santidade. A lei só é introduzida a partir da culpa/remorso retorno do amor provocada pelo assassinato instaurando a civilização.

Em toda sua obra Lacan recorre ao conceito Nome-do-Pai e extrai das formulações freudianas que o Pai, como função simbólica, é um organizador da

pulsão. O pai da horda é um pai que cria a lei, mas paradoxalmente faz exceção a ela; o pai morto se converte em pai simbólico, um pai que introduz os filhos no campo da lei, conduzindo-os a encontrar seu próprio lugar.

Sabemos que para Lacan o Inconsciente é estruturado enquanto linguagem. Nome-do-Pai. O significante Nome-do-Pai nada mais é do que um terceiro intruso. Ele impõe a diferença entre a mãe e o bebê. Ele é o significante mestre que vai barrar o desejo da mãe pelo seu bebê e vai substituir esta falta deixada em ambos. Como ele entra num lugar de substituição, vai ser também chamado de Metáfora Paterna.

A metáfora é o efeito de substitutos de um significante por um outro na cadeia. A mãe, possuidora de desejo, abre caminho para que seu bebê inicie seu processo de individuação. Na dialética do ser/ter (falo) até chegar a um processo de simbolização, o sujeito, no momento da entrada no Édipo, negocia com uma conjunção de desejo e falta.

Em Lacan o Édipo é dado no primeiro momento, o bebê se sente um prolongamento da mãe, não consegue perceber a diferença no corpo mas se sente parte da mãe. Entrelaçados, mãe-bebê conferem um ao outro a ilusão de sua perfeição.

Passa pelo processo de castração, onde o bebê é confrontado com a ausência do Outro materno. Percebe-se como não sendo o falo materno. Agora, marcados pela falta, opera-se a separação entre mãe e bebê.

Em seguida o bebê é efetivamente frustrado de sua mãe, a qual, pela intrusão paterna, é privada do seu bebê falicamente investido. Aí se dá a introdução da lei.

O pai aqui aparece como operador da castração simbólica. É ao mesmo tempo aquele que proíbe e também aquele que possibilita a abertura para novos caminhos. É o que vai levar o sujeito a fazer a passagem da natureza para a cultura. A submissão às leis do significante Nome-do-Pai, a partir da interdição do incesto, introduz o sujeito na cultura. É o Nome-do-Pai ou Metáfora Paterna que instaura a linguagem.

Então, diz Lacan, ao enfatizar a conceituação freudiana, o pai não entra como Pênis, mas como elemento biológico, como Nome, ou seja, função simbólica capaz de orientar o sujeito no campo do gozo e da linguagem.

REFERÊNCIAS

Senna A, Bar C, Gomes MG, Guilhon M, Kupferberg M. O pai na psicanálise. [Periódico da internet] 2010: [Acesso em 20 fev.2014] p.91-116. Disponível em: >http://www.cprj.com.br/primordios/91-116_o_pai_na_psicanalise.pdf<

Emídio TS, Hashimoto F. Reflexões sobre a função paterna e suas configurações no mundo contemporâneo. [Periódico da internet] 2013: [Acesso em 20 fev.2014] p.1-18. Disponível em: ><http://www.eventos.uem.br/index.php/cipsi/2012/paper/viewFile/725/335><

Cavalcante Filho LJ. A autoridade do pai frente ao declínio do patriarcado: um estudo teórico. [Periódico da internet] 2010: [Acesso 10 nov.2013.]; p.58. Disponível em: >http://tede.ucsal.br/tde_arquivos/1/tde-2011-10-11T152846Z-192/publico/leonardo%20jose%20cavalcante%20ribeiro.pdf<

Wolfart G. O pai moderno dilapidado efeito do declínio do modelopatriarcal. Revista do instituto humanista Unisinos [Periódico da internet] 2008 [Acesso em 10 nov.2013]; p.01. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2001&secao=267 10>

Brandão HMD. A lei em Nome do Pai: Impasses no exercício da paternidade na Contemporaneidade. [Periódico da internet] 2005: [Acesso em 10 de nov.2013.] p.14 Disponível em: <http://www.pospsi.ufba.br/Hortensia_Brandao.pdf p. 1-146>.

Philippe L. O uso do nome-do-pai: a ferramenta do pai e a prática analítica. [Periódico da internet] 2006 [Acesso em 20 fev.2014] p 1-156 Revista Curinga 23 Invenções Paternas. Disponível em: ><http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=519226&indexSearch=ID><.

Dor J. O pai real, o pai imaginário e o pai simbólico: A função do pai na dialética edipiana. [Periódico da internet] 2013: [Acesso em 20 fev.2014] p 1-4 Disponível em:><http://franklingoldgrub.com/psico/wpcontent/uploads/2009/08/O-pai-real.pdf><

LEITE MPS. O Pai em psicanálise- Função Paterna e a clínica da castração. [Periódico da internet]. 2012. [Acesso em 20 fev.2014] p- 1-4. Disponível em:><http://www.marciopeter.com.br/sitev2/images/pdf/cursos/anteriores-2005/o-pai-em-psicanalise.pdf><

FREUD S. Totem tabu e outros trabalhos.[Periódico da internet] 1913-1914 [Acesso em 20 fev.2014].p 1-146 v.XIII, Disponível em: >https://docs.google.com/document/d/1AVcRxYN1jFbhvRyJE9vuwshkfh2Eo8ewJB8KN4Doeal/edit?hl=en_US<.

Násio JD. Édipo o complexo do qual nenhuma criança escapa. [Periódico da Internet] 2007. [Acesso em 20 fev.2014]. Disponível em: ><http://www.hospedagemilimitada.org/Livros%20sobre%20psican%20E1lise/J.D.%20Nasio%20%20%20C9dipo%20%20O%20complexo%20do%20qual%20nenhuma%20crian%20E7a%20escapa.pdf><.

MIGUELEZ NBS.O complexo de Édipo, hoje. [Periódico da Internet] 2005. [Acesso em fev.2014]. Disponível em:>http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/181_05.pdf<.

SOUZA MR. A Psicanálise e o Complexo de Édipo. [Periódico da internet] 2006. [Acesso em 20 fev. 2014] p.1-21. Disponível em: ><http://www.scielo.br/pdf/pusp/v17n2/v17n2a07><.

FREUD. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos e outros trabalhos. [Periódico da internet] 2012 [Acesso em 20 fev. 014] p.1-162. Disponível em: ><http://copyfight.me/Acervo/livros/FREUD,%20Sigmund.%20Obras%20Completas%20%28Cia.%20das%20Letras%29%20-%20Vol.%2010%20%281911-1913%29.pdf><.

FREUD. Um caso de Histeria. Três ensaios da teoria da sexualidade e outros trabalhos. [Periódico da internet] 2004. [Acesso em 20 de fev. 2014] p. 1-160. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/djalma-argollo/vol-07-um-caso-de-histeriats-ensaios-sobre-a-teoria-da-sexualidade-e-outros-trabalhos>.

Philippe L. O uso do nome-do-pai: a ferramenta do pai e a prática analítica. [Periódico da internet] 2006 [Acesso em 20 fev.2014] p 1-156 Revista Curinga 23 Invenções Paternas. Disponível em: ><http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=519226&indexSearch=ID><.

Dor J. O pai real, o pai imaginário e o pai simbólico: A função do pai na dialética edipiana. [Periódico da internet] 2013: [Acesso em 20 fev.2014] p 1-4 Disponível em:><http://franklingoldgrub.com/psico/wpcontent/uploads/2009/08/O-pai-real.pdf><.

Lopes RG.A psicanálise é o que reintroduz o Nome-do-Pai na consideração científica. [Periódico da internet] 2011 [Acesso em 20 fev.2014] Agora p 1-17 Disponível em:><http://www.scielo.br/pdf/agora/v14n1/a07v14n1.pdf> <.

MATTOS S. O Pai, seus Nomes e Os Nomes que ele dá. [Periódico da internet] 2006 [Acesso em 25 fev.2014] p.146-152 Curinga nº 22, Disponível em:><http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=519204&indexSearch=I><.

BASZ S. Nomeação: Nome-do-Pai e nomeação. [Periódico da internet] 2004 [Acesso em 25 fev.2014] p.106-142. Disponível em

>http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/ii_congresso_internacional/temas_livres/nhomear.pdf<.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

Autor Orientando:

Nome completo: Karine Carvalho de Sá de Almeida Borges

Endereço: Rua Ruy Correa N°410 ap.106.

Telefone de contato: (034)9243-3373 ou (034)9144-3539

Email: karinesaalmeida@hotmail.com

Autor Orientador:

Nome completo: Luciana de Araújo Mendes Silva

Endereço: Av. Major Gote 1901 Centro

Telefone de contato: (034)3818-2300

Email: laraujo3@yahoo.com.br

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Patos de Minas, 15 de Setembro de 2014.

Karine Carvalho de Sá de Almeida Borges

Luciana de Araújo Mendes Silva

